
POR UMA ÉTICA DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL COM BASE NA POIÉTICA

FOR AN ETHICS OF ARTIFICIAL INTELLIGENCE BASED ON POIETHICS

PAOLA CANTARINI

Pós-doutorado (FD-USP, PUCSP-TIDD, EGS, University of Coimbra). Doutora (Direito e Filosofia, PUC-SP, Filosofia do Direito - Unisalento), Pesquisadora em pós-doutorado da Cátedra Oscar Sala-IEA/USP, pesquisadora do C4AI - Centro de Inteligência Artificial (USP), e no EthikAI

RESUMO

O artigo procurou fazer uma análise crítica, e polifacetada da temática da ética da inteligência artificial e da relação homem/técnica/natureza, partindo-se da consideração da importância de um outro tipo de pensamento, relacionado à filosofia, à arte e à “poiesis”, de forma a complementar o pensamento tipicamente moderno e das ciências modernas, com foco no calcular, no cartesianismo e formalismo, com base na razão, sem desvios e sem contradições. Neste sentido, um primeiro passo seria a aceitação da existência de aporias, contradições e antinomias, até mesmo na matemática e nas ciências, próprias de um discurso autorreferencial, como argumenta George Spencer-Brown, abandonando paradigmas já superados como o da separação entre sujeito e objeto do conhecimento, substituindo tal separação por uma unidade, ao invés de “ou”. Em um segundo momento procurou-se verificar como a técnica e a essência da técnica poderiam ser pensadas além de uma visão utópica ou distópica e de modo a trazer um empoderamento do ser humano, analisando-se neste sentido os conceitos de cosmo ética e de tecno diversidade. Trata-se de repensarmos a relação entre as diversas disciplinas e saberes, e de discutirmos a Inter e a transdisciplinaridade em novas bases diante dos novos desafios impostos pelas novas tecnologias disruptivas bem como diante da dissolução das fronteiras entre as exatas e as humanidades.

Objetivos: Visa-se elaborar uma abordagem acerca da ética da inteligência artificial e da relação com a essência da técnica à luz da interdisciplinaridade, da zetética, de uma teoria inclusiva e democrática, por meio de uma análise multidisciplinar,



multidimensional e intercultural já que trata de questões com características polifacetadas, adotando-se uma nova visão hermenêutica e epistemológica. Neste sentido, a recuperação da perspectiva poética, não linear, não bidimensional, uma compreensão polifônica, crítica, do múltiplo, como uma pragmática do múltiplo, permitindo uma mudança de paradigma: representacionista (mimético/ordem e medida, mimesis) para construcionista (poiético/poiesis). Uma lógica de design dos artefatos semânticos, e uma ética da IA relacionada com os valores construcionistas do "homo poieticus", a mais alta expressão do "homo", deste ser que "poeticamente habita o mundo" (Hölderlin).

Metodologia: A metodologia e as técnicas de investigação combinarão a investigação teórica, relacionando-se com a metodologia de Michel Foucault denominada de "teatro filosófico", de forma a fugir da dialética e da dualidade, buscando-se uma visão interdisciplinar e holística, e uma epistemologia multifacetada, a fim de que os opostos e as contradições não sejam anulados, negados ou idealizados.

Resultados: Trata-se de verificar a questão da ética da inteligência artificial e da relação homem/técnica/natureza além de binarismos, dualidades, do pensamento dialético e linear, e de perspectivas relacionadas ao formalismo, cartesianismo e o positivismo, pensando em conceitos como cosmoética e tecnodiversidade, os quais juntamente com a arte como não representação e com a "poiesis", poderão contribuir para alternativas em torno de tal relação. Trata-se de buscar uma lógica conceitual para sustentar a base da informação em IA, uma interpretação poiética dos conhecimentos, uma lógica do fazer e de design, a própria filosofia como conceitual design, envolvendo a postura crítica, e uma epistemologia poiética, construtiva e imaginativa, ao invés de mimetizada (representativa), isto é, trata-se de verificar os fundamentos epistemológicos para o desenvolvimento de uma ética da inteligência artificial relacionada com os valores construcionistas do "homo poiético".

Contribuições: O artigo busca trazer contribuições no sentido de recuperar a importância de teorias transclássicas com foco na abordagem holística e não reducionista, típica das ciências modernas, como a cibernética, a semiótica, a teoria geral de sistemas, as teorias gerais da informação e da comunicação, e a cibernética de segunda ordem, tal como proposta por H. Von Foerster, ao descrever sistemas cibernéticos dotados de IA que se autorregulam. Ou seja, na base do conhecimento acerca da Inteligência artificial teríamos uma disciplina trans clássica, pós-moderna, fugindo-se do antropocentrismo e olhando para a diferença e o outro, de modo a se repensar a relação homem/técnica no sentido de empoderamento do ser humano.

Palavras-Chave: Inteligência artificial. Ética. Poética. Técnica. "Poiesis"

ABSTRACT

The article sought to make a critical and poly-faceted analysis of the theme of the ethics of artificial intelligence and the relationship between man/technology/nature, starting



from the consideration of the importance of another type of thought, related to philosophy, art and "poiesis", in order to complement the typically modern thought and modern sciences, focused on calculating, Cartesianism and formalism, based on reason, without deviations and contradictions. In this sense, a first step would be the acceptance of the existence of aporias, contradictions and antinomies, even in mathematics and in the sciences, typical of a self-referential discourse, as George Spencer-Brown argues, abandoning already outdated paradigms such as the separation between subject and object of knowledge, replacing such separation by a unity, instead of "or". In a second moment, we tried to verify how the technique and the essence of the technique could be thought beyond a utopian or dystopian vision and in a way to bring an empowerment of the human being, analyzing in this sense the concepts of cosmoethics and technodiversity. It is a matter of rethinking the relationship between the various disciplines and knowledges, and of re-discussing inter- and trans-disciplinarity on new bases in face of the new challenges imposed by the new disruptive technologies, as well as in face of the dissolution of the frontiers between the exact and the humanities

Objectives: The aim is to develop an approach to the ethics of artificial intelligence and the relationship with the essence of the technique in the light of interdisciplinarity, zetetics, an inclusive and democratic theory, through a multidisciplinary, multidimensional, intercultural analysis since it deals with questions with multifaceted characteristics, adopting a new hermeneutic and epistemological vision. In this sense, the recovery of the poetic, non-linear, non-two-dimensional perspective, a polyphonic, critical, zetetic understanding of the multiple, as a pragmatics of the multiple, allowing a paradigm shift: representationalist (mimetic/order and measure, mimesis) to constructionist (poietic/poiesis). A design logic of semantic artifacts, and an ethics of AI related to the constructionist values of the "homo poieticus", the highest expression of the "homo", of this being that "poetically inhabits the world" (Hölderlin).

Methodology: The methodology and research techniques will combine theoretical research, relating to Michel Foucault's methodology called "philosophical theater", in order to escape dialectics and duality, seeking an interdisciplinary and holistic view, and a multifaceted epistemology, so that opposites and contradictions are not annulled, denied or idealized.

Results: It is about verifying the question of the ethics of artificial intelligence and the man-technical-nature relationship, in addition to binarisms, dualities, dialectical and linear thinking, and perspectives related to formalism, Cartesianism and positivism, thinking about concepts such as cosmoethics and technodiversity, which together with art as non-representation and with "poiesis", may contribute to alternatives around such a relationship. It is about seeking a conceptual logic to support the basis of information in AI, a poietic interpretation of knowledge, a logic of doing and of design, philosophy itself as conceptual design, involving a critical stance, and a poietic, constructive and imaginative, instead of mimicked (representative), that is, it is about verifying the epistemological foundations for the development of an ethics of artificial intelligence related to the constructionist values of the "poietico homo".



Contributions: *The article seeks to bring contributions towards recovering the importance of trans-classical theories with a focus on the holistic and non-reductionist approach, typical of modern sciences, such as cybernetics, semiotics, general systems theory, general information theories and communication, and second-order cybernetics, as proposed by H. Von Foerster, when describing cybernetic systems equipped with AI that self-regulate. That is, on the basis of knowledge about artificial intelligence, we would have a trans-classical, post-modern discipline, fleeing from anthropocentrism and looking at difference and the other, in order to rethink the man/technique relationship in the sense of empowerment of the human being.*

Keywords: *Artificial intelligence. Ethic. Poetics. Technique. "Poiesis"*

1 INTRODUÇÃO

Cada vez mais na época denominada pós-moderna há uma aplicação da IA e de novas tecnologias em todos os setores sociais, falando-se em advocacia 4.0, infoesfera, hiper história, pós-história, fim da história, império dos signos sem força simbólica (dados), da morte do homem, de Deus e da história ou acabamento da história. Caminhamos da sociedade da informação, como propunha Manuel Castells, para atualmente, a sociedade de dados, acompanhada do capitalismo de dados e da economia de dados, do mito ao dataísmo. Uma sociedade baseada na circulação de informações, computadorizada, e com um aumento em escalada nunca antes vista da velocidade, como lembra Paul Virilio (1996), justamente um dos aspectos decisivos do controle e processamento da informação. O giro antropológico desde Copérnico e Galilei Galileu, passando por Kant ao acordar do sono dogmático, é substituído pelo giro dataísta.

A tecnologia muda a cultura, o ser humano e o conceito de ser humano, e com isso o conceito do que significa continuar sendo humano. Vivemos em uma condição pós-moderna, em uma sociedade pós-moderna, na pós-modernidade, e passamos da fase da histórica à fase hiper histórica (FLORIDI, 2019). Na fase da hiper história, o nosso bem-estar cada vez mais depende das tecnologias de informação e comunicação (TIC), o que difere da fase histórica, na qual apenas nos relacionávamos com tais tecnologias, já havendo pessoas que afirmam que suas vidas estão agora



completas após um novo modelo de Iphone ser lançado no mercado. Em tal fase, há um excesso de informação, com uma redução de nossa capacidade reflexiva e do conhecimento, já que estes demandam tempo, e estamos aprisionados na velocidade alucinante e exponencial dos tempos atuais.

As tecnologias da informação e comunicação se tornam forças ambientais, antropológicas, sociais e interativas, criando e moldando nossa realidade e autocompreensão, modificando a forma como nos relacionamos uns com os outros e com nós mesmos, e a forma como interpretamos o mundo.

O que é o ser humano, pergunta formulada por Sócrates a Alcibíades, retratada por Platão em uma de suas obras (Platão, Alcibíades, I, 129E)? Um conceito que é mutável através do tempo e das culturas, e também alterado pela tecnologia, que por sua vez também muda a cultura e todas as outras manifestações sociais. Qual seria então o conceito de ser humano adequado para a 4ª revolução e a época "onlife", diante de uma realidade e história gamificadas?

O presente vira um eterno agora, subtraindo o passado e antecipando o futuro, os rituais e a sua função de coesão social e memorização de valores e culturas se apagam no tempo do eterno retorno do agora, onde tudo que importa é o consumo imediato de mais e mais informação, um signo amorfo, informe e ágil (inform-e-ação), deslocando-se do mundo da vida, e da fundamentação em algum sentido outro para o viver além da superfície linear e da utilização instrumental e técnica. Mais e mais informação, sem um conhecimento e cognição correspondentes que impliquem em questionar o porquê e para quê, sem nos ajudar a um melhor viver e morrer, girando em um vazio existencial, perpetuador da náusea, angústia, de que já falava Sartre.

Ao invés do "amor fati", compreendendo a vida e a si mesmo no que se tem de bom e de ruim, mas claro sempre tentando alcançar um ideal maior a nos iluminar, superando-se a infância dos povos de que falava Nietzsche, somos convocados verazmente as mídias sociais e ao metaverso, e a beleza e juventude eternas, onde teríamos a concretização do crime perfeito, a morte da morte, apostando ainda em um progresso aliado à pura tecnologia, a qual aliada ao capital, rotaciona ainda com mais velocidade o círculo vicioso de exclusão social e iniquidade.



A pós-modernidade, com suas razões de forma aperfeiçoadas em uma instância técnico-científica, segue a linha da modernidade, na sua maior parte, no culto do positivismo e do formalismo, onde a razão entrega-se ao irracional e o método científico converte-se em um fim em si mesmo, como já denunciara a Escola de Frankfurt, e em especial Max Horkheimer e Adorno, separando a razão instrumental e a razão crítica.

O método científico, o positivismo, com seu vínculo e culto ao formalismo, utilizando-se do modelo das ciências naturais empíricas e matemáticas, e ao entender as leis da natureza como inexoráveis, e determináveis com um rigor geométrico, e posteriormente apostando no estudo da política e da ética também com base nestes mesmos critérios, como um sistema de causalidades racionais, com rigorosa exatidão ao se pautar por leis da natureza imutáveis, se fundamenta em um ideal irrealizável na prática. Assim, postula-se pela neutralidade e objetividade, em uma supervalorização do racional, do sujeito do conhecimento como instância última e única da verdade e como meio de domínio da natureza, ensejando ainda mais individualismo, antropocentrismo, eurocentrismo e outros ismos, e a perigosa alienação na técnica de que falava Husserl, quando a razão vira puro cálculo e o saber que importa é o produzido maquinalmente, e com vistas ao mercado.

Contudo, a própria ciência não mais corresponde aos ideais da mecânica clássica de Isaac Newton, já que desde o início do século XX a teoria da relatividade de Einstein, a física quântica de Max Planck e o princípio da incerteza de Werner Karl Heisenberg quebraram as certezas até então tidas como dogmas irrefutáveis, em uma mentalidade mecanicista, desdogmatizando-se certezas, entre elas, a separação radical entre sujeito e objeto do conhecimento, já que a observação do observador influir no resultado observado, ou seja, o objeto se torna tal a partir do olhar do sujeito, sendo insuficiente apenas o conceituar como representação imprópria da coisa, ao contrário da intuição onde teríamos uma representação própria.

Neste sentido também as contribuições de Husserl e a fenomenologia, ao afirmar que não já uma relação pura entre sujeito e objeto, pois é uma relação sempre intencional, reconhecendo-se também o ser humano como um ser de relação, abrindo-se as mônadas e saindo do estado de solipcismo, abrindo-se para o nós. Em



sentido complementar tem-se por superada a compreensão de uma abordagem do direito e da filosofia apenas compreendendo as contribuições da sociedade ocidental, e uma perspectiva eurocêntrica, como ao se afirmar por exemplo, que no Oriente não se teria uma filosofia própria sendo esta apenas ocidental, já que a cientificidade necessária estaria atrelada a ideia de uma teoria inclusiva, que demandaria a análise e consideração de um maior número possível de abordagens e perspectivas, de forma democrática.

Ao se propor a total separação da política, do direito, da ética e da religião, tendo como precursores Maquiavel e de certa forma o formalismo e individualismo já presente anteriormente em Okcham, um dos iniciadores da via moderna, ao lado de João Scotus, no sentido de busca da neutralidade e objetividade próprias do pensamento científico e positivista, evita-se o sincretismo metodológico em prol da certeza e objetividade, bem como questionamentos e a crítica, reduzindo-se as oportunidades de mudanças do “status quo”.

Contudo, a própria matemática, que embasa tais conhecimentos, revela-se fragmentada, como aliás todo o pensamento fruto desta concepção não universalista, mas especializante da ciência moderna, trabalhando com o mundo ideal, não podendo em sua razão crescente de abstração, esquecer-se do movimento de retorno ao problema concreto, momento necessário da síntese.

Há que se ter presente, pois, o divórcio existente entre cálculo e conhecimento, já que a matemática produz uma operação reiterada de signos de signos, apartando-se das evidências sensíveis, em uma crescente abstração e idealização, e sua correspondente pretensão de verdade absoluta, sem sequer assumir tais características e a presença sempre de ideologias por trás de todo ser humano produtor de qualquer tipo de conhecimento que seja.

Outrossim, a teoria dos conjuntos formulada para resolver problemas da falta de fundamentação lógica da teoria das funções e do cálculo infinitesimal acaba por se revelar insuficiente, por apresentar resultados paradoxais, antinomias e contradições, apesar de se observar um procedimento lógico e matematicamente correto. Ou seja, como bem demonstraram os teoremas da incompletude de Kurt Gödel, concluindo



que a falta de contradição não pode ser provada para a matemática como um todo, e que não se poderia demonstrar por seus próprios meios a falta de contradição do sistema axiomático, demandando o emprego de meios validados fora do sistema (GUERRA FILHO, 2009).

Assim, os direitos humanos, por exemplo, não podem mais ser vistos sob uma única ótica, universalista, como sempre os mesmos para todo o gênero humano, em uma perspectiva etnocêntrica, ocidental, mas levando-se em consideração as diversas culturas e gêneros, havendo diversas concepções portanto, de direitos humanos, já que há uma diversidade cultural e social (comunitaristas e multiculturalistas). Em sentido complementar, os direitos fundamentais, no plano interno voltam-se também para uma natureza multidimensional, reconhecendo-se seu aspecto individual, coletivo e social, característica que fica clara ao pensarmos em um vazamento de dados como equivalente de um vazamento de petróleo no oceano, causando danos muito além de individuais, já que relacionado à cidadania e à igualdade material dos tutelados. Daí se falar em poluição de dados (BEN-SHAHAR, Omri. Data Pollution, 2019, p. 133 e ss.), espécie de “direito ambiental da proteção de dados pessoais”. Os danos são considerados coletivos, pois todo o ecossistema de dados é afetado pelas ações poluentes.

Como bem apontam alguns estudos na área de proteção de dados e de inteligência artificial, que analisaram conjuntos de propostas de codificações éticas para tais campos do saber, haveria uma ausência de propostas não eurocêtricas, bem como contradições e não compatibilidade quanto ao conceito de justiça, por exemplo, ou de dignidade humana.

Em sentido complementar expõe Lucia Santaella ao afirmar a necessidade de ser reconhecida a atualidade do pensamento de Foucault, para se pensar os novos desafios e oportunidades da utilização das novas tecnologias digitais, em especial da IA, na interface com as humanidades, já que ele é um “divisor de águas” em relação ao estudo do sujeito e das relações de poder que o atravessam (SANTAELLA, 2013, p. 13-23. SANTAELLA, 2003, p. 27).

Propõe Foucault uma dessubjetivação, a partir da dissolução nietzschiana do homem, como uma vacina contra o sujeito antropológico e o “sono antropológico”,



contra o modelo antropocêntrico (FOUCAULT, 2010, p. 292. FOUCAULT, 2004, p. 37-55).

2 DESENVOLVIMENTO – METAVERSO E GAMIFICAÇÃO DA VIDA

De que forma o surgimento de novas formas de representação do mundo, no sentido de um empoderamento através e por meio das tecnologias, não apenas vendo o lado negativo, mas alternando o foco no sentido de encontrar uma solução para os problemas que as novas tecnologias nos colocam em conjunto com a crise ambiental e de sentido, podem contribuir para uma multiplicidade de alternativas?

Como expõe Yuk Hui (HUI, 2020, p. 154 e ss.) o reconhecimento da existência da cosmotécnica e da diversidade técnica poderia ajudar no empoderamento ao invés do enfraquecimento humano. Ou tal visão seria utópica demais, ao se considerar que qualquer modelo e espécie tecnológica estariam aprisionados dentro do sistema poder-saber, envolvidos nas redes de poder, isto é, a ética da IA e a dinâmica do poder são inseparáveis, restando muito pouco espaço para a resistência, mesmo sabendo que onde há poder também há resistência (Deleuze)?

A realidade virtual (XR) seria como sonhar com os olhos abertos, gerando uma intensa experiência que seria absorvida e experienciada como “presença”? (LEE, 2022).

Como o resistir poderá perdurar no tempo e se multiplicar permanecendo resistência e não ser aglutinada no sistema dominante, retroalimentando o sistema, virando também um produto de consumo? O dobrar, a superdobra no sentido de se pensar o lado de fora, uma nova linha de fuga, a experiência do fora como uma forma de resistência, trazendo a possibilidade de novos devires. Uma reconversão do pensamento (*metanoia*) é do que se trata, no sentido de se escapar do modo de ser do discurso da representação, e trazer a possibilidade de novas subjetividades. Buscar a experiência do fora no sentido de colocar o sujeito como objeto para si



mesmo, projetado para fora de si, e com isso conseguir voltar a si mesmo, através de um esquecimento.

Para Foucault, a resistência é uma ação política revolucionária, capaz de questionar ou pelo menos refletir e ter consciência sobre os regimes de verdade e dispositivos de poder, sendo o artista considerado como um intercessor. Intercessor é o movimento, a força da alavanca, ao contrário da força da onda, que logo se esvai. O intercessor é aquela figura (na filosofia, nas artes, nas ciências) que, mediante o que pensa, o que cria ou inventa, instala, no cenário da vida, um distúrbio, à altura de forças um passo à frente. Em outros termos, o intercessor obriga, por sua intervenção, a romper a cômoda realidade regida pela lógica, instaurando um terceiro modo de ver e de ler a trama dos acontecimentos, o enredo da vida (Deleuze).

Quais são os fundamentos e bases epistemológicas e hermenêuticas para pensar tais questões, por um lado, respeitando as diferenças, numa perspectiva multicultural, e a partir das Epistemologias do Sul e, por outro lado, como estabelecer os fundamentos e marcos teóricos para a regulamentação harmônica das tecnologias digitais em nível internacional? Quais são as possíveis bases epistemológicas e hermenêuticas para se repensar a relação da técnica com os humanos e com a natureza?

Desta forma, procuramos observar e compreender o objeto de estudo em questão de outra perspectiva, de outro ponto de vista, mas, sobretudo, através de uma visão não polarizada, não dualista e não representativa, mas sim holística e inclusiva, a fim de repensar ambivalências e contradições, assumindo estas e não as ocultando em uma idealização falseadora.

Diante da insuficiência do homem prático (“homo practicus”/“homo index”), inundado por avalanches de informações que comprometem sua capacidade interpretativa e sensível, informações que substituem corpos e coisas, memórias e rituais, precisamos repensar as bases epistemológicas, hermenêuticas, ontológicas e fundacionais de nossa nova realidade. A memória possui um valor essencial de resistência, como aponta Foucault (FOUCAULT, 2015, p. 386-387) sendo um importante fator de luta (é, de fato, em uma espécie de dinâmica consciente da história



que as lutas se desenvolvem), então, se a memória das pessoas é mantida, mantém-se seu dinamismo, sua experiência, seu saber sobre as lutas anteriores.

Os ritos, com sua vinculação à repetição, são ações simbólicas que possuem um papel de coesão, de memória corporal, e excesso de significante, ao representarem valores e manterem a coesão e solidariedade sociais, como um estar no mundo e estar em casa, refletindo no valor da duração, contrapondo-se, pois, à velocidade, imediatismo e instantaneidade e à percepção serial dos tempos pós-modernos. Vincula-se ao poético, sendo os poemas dimensões mágicas da linguagem, nas palavras de Byung-Chul Han: “o princípio poético devolve à linguagem seu gozo ao romper radicalmente da economia da produção de sentido. O poético não produz, por isso o poético é a dimensão da linguagem contra suas próprias leis (...). a progressiva funcionalização e informalização da linguagem elimina o excesso, o sobre-excedente do significante. Isso produz o desencantamento da linguagem(...)” (HAN, 2021, p. 87 e ss.).

Segundo Santaella, a plasticidade implicada na rápida adaptação da memória humana está nos tornando simbióticos com nossos computadores, na convivência com sistemas interconectados que nos levam a saber menos sobre o conteúdo específico das informações em contrapartida ao muito que possamos a saber (SANTAELLA, 2003).

Diante da insuficiência do “homo linguisticus” de Barthes, com seu “eu” fora de si mesmo, permanecendo na linguagem, depois que a linguagem deixou a equação, para onde o sujeito foi expulso?

Uma nova forma surge, o “phylum maquínico”, termo forjado por Gilles Deleuze e Felix Guattari, mencionando o silício no agenciamento contemporâneo homem-natureza (DELEUZE, 1988). Um novo Super-Homem, um “Übermensch”: o Objeto? O homo poético?

“Cibercultura”, “pós-humanismo”, “singularidade” e outros termos famosos atualmente podem ser entendidos como tentativas de dar sentido ao nosso novo tempo. A era da 4ª revolução industrial, da indústria 4.0 ou da era do silício, com a superação da era do carbono, no “Império Cibernético”, quando chegamos ao pensamento-máquina, vem caracterizada principalmente pelo uso da inteligência



artificial em todos os setores de nossas vidas, com crescente intensidade de interconexões técnicas de todos os tipos. Luciano Floridi fala em “pan-computacionalismo”, já que, em um determinado nível de abstração, qualquer coisa pode ser apresentada como um sistema de informação e assim qualquer coisa, como nós seres humanos podem ser calculados, em uma análise preditiva voltada à máxima eficiência e produtividade (FLORIDI, 2021, pp. 554-582).

A digitalização generalizada, impulsionada pela inteligência artificial, impacta a construção do direito, redimensionando questões relacionadas ao direito privado e ao direito público, os direitos humanos e os direitos fundamentais. Como ressalta Nestor Garcia Canclini (CANCLINI, 2019, p. 108) ocorre o advento da governabilidade algorítmica, tornando o espaço público opaco e distante. A cidadania é radicalizada, enquanto alguns setores se reinventam e ganham batalhas parciais, como a luta pela igualdade de gênero, embora os usos neoliberais das tecnologias aprofundam as desigualdades crônicas do capitalismo.

Partiremos então da reconsideração da filosofia e de seu papel ético, não apenas como uma prática teórica, mas uma prática capaz de trazer modificações ou contribuir para modificações da realidade, unindo-se a prática e a teoria.

Como tocar as margens do impensável e do inominável, no sentido da construção e um pensamento filosófico próprio, autóctone, por não envolver apenas a reprodução do já falado antes, e continuar o caminho do pensamento, fazendo um experimento com a linguagem e pensamento, em uma linguagem poética do pensamento.

Como se daria uma filosofia da IA, da informação com base nos valores construcionistas do “Homo eroticus poeticus”?

A recuperação de “Eros” através da recuperação do outro, e, portanto, da diferença seria ainda possível em nossa sociedade do positivo? “Eros” que se manifesta no outro está quase morto, com a morte ou exclusão do outro e de sua negatividade em nossa sociedade da performance, que contraditoriamente apaga os rituais e as memórias, e assim passamos de seres de relação para seres autocentrados, onde não há a negatividade do outro para se opor a nós mesmos. Por isso para Byung-Chul Han vivemos na era do pós-imunológico, um excesso de



positividade do mesmo, matando a negatividade e a diferença, sendo o outro que permitiria que nosso corpo produzisse anticorpos.

Diante da nova cultura eletrônica e novas formas de arte, como arte generativa, arte computacional, arte digital, 3DP-Art, com processos de impressão 3D e prototipagem, R-ART, criação de robôs artísticos, e VR-Art, imersão em um mundo criado totalmente via computador, entre outras modalidades, a arte provavelmente já se transformou em algo totalmente outro, abandonando seus conceitos e características tradicionais. Tudo já havia virado arte com o Pop Art, como se observa das obras de Andy Warhol, e agora tudo virando informação, teremos a totalização da arte. Arte total?

Qual a relação entre IA, criatividade e arte? Podem as artes produzidas unicamente pela inteligência artificial serem consideradas arte, a exemplo de arte generativa, quando esta é criada independentemente de qualquer intervenção humana, quanto ao “output”, a exemplo do “AARON” criado por Harold Cohen, produzindo pinturas diretamente dos algoritmos de IA, ou seja, no sentido do ser humano não controlar e não prever o futuro do “output”, fugindo do seu controle? O que o aparelho enxerga? O que o acaso na arte computacional através de uma proposta de aparatos com “memórias” poderá nos desafiar em jogos de criatividade?

Como a arte produzida em coautoria entre homem-máquina poderá ser vista de forma “positiva”, no sentido de uma complementação ou majoração da criatividade humana?

Não se trata de trazer então uma visão pessimista e distópica, em comparação com uma utópica, pois a dualidade é bem mais pobre do que a multiplicidade, mas de procuramos a lógica diagonal, na linha de Michel Foucault em seu “Teatro Filosófico”, na linha de uma polifonia, quando a diferença estaria libertada.

Mesmo porque, quando se fala que a IA irá substituir o ser humano em diversas atividades profissionais, também isto, segundo alguns, poderia ser visto como “positivo”, já que teríamos mais tempo disponível sem se preocupar com o trabalho, e assim aproveitar o ócio “criativo”, mesmo que sem reflexão e sem busca por um maior conhecimento ou cultura, apenas com diversão e gamificação, já que o universo virtual nos preencheria de emoções mais intensas e gratificantes. Ante o



atual reconhecimento de um corpo real ligado a um corpo virtual, conectado ao mundo por meio de um fluxo de elétrons, nosso corpo e nossa mente são redimensionados, e assim, perdemos a referência tempo e espaço.

Mas, o que iremos fazer de fato com o tempo disponível e em “maior liberdade”. O conceito de liberdade se acha em questão, pois esta envolve deliberação autônoma, responsabilidade e vínculo com o outro. Mais tempo disponível para ficar mais e mais em plataformas digitais e no metaverso e em jogos de realidades virtuais, com a total gamificação da vida, levando outras vidas, mesmo que não vividas, sonhadas, mas representadas algoritmicamente?

A arte produzida por IA poderá ser qualificada como uma criação de uma narrativa, mesmo que quantificada e calculada? A arte considerada como forma de conhecimento poderia ser produzida por uma IA que trabalha com o excesso de informações e não é capaz ainda de um verdadeiro conhecimento, trabalhando apenas com regras e não com princípios, ou seja, sem uma análise adequada valorativa, já que para tanto englobaria uma série de qualidades propriamente humanas? Mas, não seria a própria arte uma forma de conhecimento?

É possível uma arte que não esteja relacionada à poética, à “poiesis”, aos valores construcionistas do “homo eroticus poieticus”? É possível uma arte produzida a partir de bits, números, cálculos, uma arte morta e não vinculada às potências da vida, e que não mais nos dialogue com a incompletude, e que nos faça sentir o assombro, o êxtase, que nos faça ficar de joelhos como dizia Hegel o que estava bastante presente na arte trágica? Por isso Hegel teria mencionado o fim da arte, não mais possível para se capturar o movimento e a complexidade do espírito humano, com o advento do Cristianismo, quando então a arte perde sua relação com o espírito humano e passa apenas a ser mera recreação, entretenimento e forma de decoração do ambiente.

Uma arte aprisionada em uma mentalidade voltada para a eficiência e rapidez e vinculada à representação, no sentido de seus efeitos de questionamento e crítica, nos ajudaria a refletir sobre nós mesmos, nossa condição existencial, sobre nossa relação com a técnica e no que esta nos afeta?



Aqui trazemos mais questionamentos e provocações do que respostas, pois estas também já nos são fornecidas mais facilmente pela IA, sendo de se considerar as respostas apenas como alternativas dentre as demais possíveis, um ponto de partida para inúmeras outras possibilidades, assim como o conceito. Talvez precisemos reconsiderar e redesenhar nosso vocabulário conceitual e nossas formas de dar sentido e fazer sentido ao mundo (nossos processos e práticas de semantificação), o que, por exemplo, poderia ocorrer ao reconhecer a capacidade da IA em fazer atribuições semânticas de sentido e ao produzir narrativas.

Há que se falar em criatividade sem o “logos”, sendo este o que nos faz humanos e distintos dos demais animais políticos, na formulação clássica de Aristóteles, como abelhas e lobos, substituído pelo calcular, mesmo sendo o cálculo uma eterna repetição do igual? O cálculo, o calcular é o oposto do pensar, pois o pensar lança-se no aberto, ao contrário de uma prévia determinação de asseguramento (em especial no sentido de uma proposta filosófica, vinculada também à zetética, opondo-se à dogmática neste sentido, por se pautar pelo questionar, pelo duvidar).

Daí a crítica de Karl Popper no desenvolvimento de sua filosofia da ciência, característica do racionalismo crítico, no sentido de ser o direito uma pseudociência, isto na sua versão apenas dogmática, ao contrário da zetética.¹ A abordagem zetética diferencia-se da análise apenas dogmática, ou seja, de uma abordagem tecnicista, permitindo-se uma crítica e alargada; tal diferenciação foi trabalhada pioneiramente por Tércio Sampaio Ferraz Jr., seguindo os desenvolvimentos de Theodor Viehweg, seu professor no doutorado na Alemanha, preocupando-se mais com as perguntas, com o questionar, do que com as respostas, tidas como dogmas ou verdades absolutas, afirmando a relatividade e precariedade de todo o conhecimento (Acerca da diferença entre dogmática e zetética ver Tércio Sampaio Ferraz Júnior, “Teoria da Norma Jurídica”, Editora Atlas, 5ª. Edição, 2016, p. 21 e ss.).

¹ Acerca da diferença entre dogmática e zetética ver Tércio Sampaio Ferraz Júnior, *Teoria da Norma Jurídica*, Editora Atlas, 5ª. Edição, 2016, p. 21 e ss.



Trata-se de buscarmos a recuperação do erotismo e com isso, da *poiesis*, da criatividade, restituindo-se o valor erótico, de *Eros*, para que copulemos com a linguagem, recuperando a outricidade básica da linguagem, contrária a atual vulgarização da mesma, restituindo-se o valor diacrítico e dialógico da linguagem com a valorização do outro, da diferença, do valor de indicação, de nomeação, recuperando-se, outrossim, a natureza simbólica, já que hoje em dia a linguagem se tornou mais símbolo, sendo superficial e vazia.

É preciso inventar com o corpo, com seus elementos, suas superfícies, seus volumes, suas densidades, um erotismo não disciplinar: o do corpo em estado volátil e difuso, com seus encontros ao acaso e seus prazeres não calculados”. (FOUCAULT, 2021, p. 424).² Uma sociedade sem o outro é uma sociedade sem “Eros”, sendo esta mesma crise verificada nas artes.

Por outro lado, a IA e a arte produzida com a IA poderiam nos ajudar a sair da visão antropocêntrica de domínio da natureza e também da técnica como domínio, a partir dos conceitos de tecnodiversidade, cosmoética e cosmotécnica, olhando para a diferença e em uma perspectiva “planet centered AI”, inclusiva e democrática.

O mundo digital, contudo, é paradoxalmente desprovido de olhar, ao mesmo tempo em que tudo é exposto ao olhar. Apesar do panóptico digital, com sua luz por todos os lados, inclusive interior, não deixando nada escapar ao seu olhar, raramente nos sentimos contemplados ou expostos a um olhar (do outro). O inteiramente outro ilude qualquer previsão ou cálculo e se manifesta como um olhar, e neste olhar, nos vemos a nós mesmos.

O mundo digital carece de qualquer qualidade de olhar. As janelas são uma janela sem vista, nos protegendo do olhar. Ao sairmos, preferimos tirar selfies e fotos de todos os detalhes e instantes, ao invés de olharmos com nossos próprios olhos e aproveitar o momento presente. No virtual, e também talvez com a arte produzida por

² Somos dominados por conceitos alienantes, e em um segundo momento por imagens técnicas que nos alienam e subjugam, pois nos fazem crer serem a realidade, quando na verdade se distanciam ainda mais dela do que os conceitos. Em assim sendo, representam, como abstração matemática, um fim em si mesmo, e nos levando a cair na armadilha de estarmos presos no domínio técnico dos aparelhos, sem perceber.



IA iremos “habitar” um espaço sem olhar, no qual não é possível nenhuma experiência do outro, nenhum olhar do outro relacionando-se ao erotismo, à alteridade, a “Eros”.

O olhar está desaparecendo em diversos níveis. Agora, o panóptico digital funciona de forma espectral, sem pontos cegos, não deixando escapar sequer os pensamentos e as emoções, os quais são também codificados e englobados em processos preditivos voltados ao consumo ou para fins políticos, ao contrário do anterior Panóptico de Bentham, representativo da sociedade da disciplina foucaultiana, que ainda se baseava no domínio do olhar, centrado no olhar do supervisor, que tudo via sem ser visto, dissociando o ver/estar visto.

A frase mais apropriada quando se fala no metaverso é “be all you want to be”, aproximando-se da frase mais popular durante a época dos libertinos do século XVIII, voltados para uma cultura do prazer, ridicularizando os valores do século e vivendo no excesso, qual seja “tudo é válido e tudo é permitido”. Tudo é possível.

Para Heidegger, o tudo é possível representaria uma experiência vivida [*Erlebnis*] em torno de uma maquinação [*Machenschaft*], ou calculabilidade (*Berechenbarkeit*) em um local onde não mais cabem questionamentos, ou seja, onde tudo é possível, o que também anunciaria o fim da filosofia, após Hegel, e no seu lugar, a cibernética (HEIDEGGER, 1966, HEIDEGGER, 2012, HEIDEGGER, 1959).

Contudo, o metaverso é comemorado como um incentivo para a inclusão social, para uma maior igualdade, pois as pessoas se encontrariam de maneira digital, com inúmeras camadas que ampliam a experiência humana.

Com a arte computacional, eArte (arte 3D), arte produzida por IA, e arte em ambiente de realidade aumentada, tais domínios irão se separar de vez, aparentando se fundir, produzindo-se uma nova dimensão. Com a realidade aumentada cria-se um estímulo exponencial de sensações, impossível de se competir com a realidade, cada vez mais vazia e sem sentido. Contudo, ao invés de resolver a causa do problema, tenta-se atacar a consequência, trazendo o risco de maior desorientação e alienação ao comprometer a capacidade de apreensão e de incorporação da experiência na dimensão mais profunda do sujeito. Em tal arte não há mais espaço para o silêncio, para o estranhamento profundo e, pois, a possibilidade de questionamento interno que seria um incentivo à transformação pessoal.



O digital representa o excesso de significado sem qualquer correspondência com significantes e com “eros”, pois significa o excesso de significantes, os quais não podem ser reduzidos ao significado.

A arte relacionada à poética, e ao erotismo, ao contrário, é uma forma de comunicação, sendo que não há nada mais próximo do erotismo do que a comunicação, a qual envolve a linguagem em contato intrínseco com o erotismo. A arte aqui que se postula, como bem apontado por Walter Benjamin, é aquela responsável por nos fazer recolher diante da obra de arte e nos abismar dentro dela, ao contrário da arte como simples distração e divertimento, quando seríamos consumidos por ela.

É o que já propunha Aristóteles em sua “Poética”, prevendo a arte como forma de salvação do ser humano e através da arte, a vida (Aristóteles, Poética, trad. Eudoro de Souza. 3. ed. São Paulo: Ars Poética, 1993.) Em sentido semelhante Nietzsche, ao propor a arte como a forma mais elevada de atividade metafísica, através da qual a vida é tornada possível e digna de ser vivida, a arte que salva e pela arte a vida nos reconquista (NIETZSCHE, 2013).

A poética permitiria a presentidade, a imediatividade, saindo da linearidade, e entrando na espiral, nos aproximando do resto, permitindo uma abertura.

O erotismo como a mais real forma de criatividade artística, se relaciona à arte não como divertimento, entretenimento, mas com o potencial de nos fazer maravilhamos novamente, ou nos apiedarmos, com o potencial de transformação.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A humanidade sempre enfrentou mudanças devido às tecnologias, contudo, a IA traz transformações únicas nas estruturas sociais, econômicas e políticas da sociedade, transformando nossas subjetividades, nossa percepção, cognição, como sentimos e experimentamos o mundo, logo o que significa continuar sendo humano, desafiando as antigas dicotomias epistemológicas entre sujeito e objeto.



O artigo buscou trazer problematizações e provocações no sentido de nos reapropriarmos da tecnologia moderna, através da re-articulação da essência da técnica, considerando-se os conceitos de tecnodiversidade e de cosmoética e no sentido da técnica como "poiesis", com base nos valores construcionistas do "homo poieticus" (Floridi) e não como dominação, como engrenagem e dispositivo (*Gestell* – Heidegger) próprios do capitalismo de dados.

Trata-se de pensarmos em tais conceitos como fundamentais para a construção das bases epistemológicas e hermenêuticas de uma compreensão plural, adiaxial (Foucault) acerca da relação técnica/natureza/homem, com foco na inteligência artificial como a mais disruptiva das tecnologias, considerando-se as ambivalências, contradições e paradoxos, para se atizar a potência do pensamento, para além de dualismos e de uma visão apenas utópica ou distópica.

Destaca-se a importância das artes e da poética, da lógica não cartesiana, para além da dialética idealista de Hegel, na construção de uma dialética polivalente e de uma lógica atonal, relacionadas às artes, com um traço determinante do tempo ligado à experiência, tempo não linear, não causal, tempo das puras intensidades diferenciais.

Para Charles Sanders Peirce é o futuro que influencia o presente e não o passado, isto é, se cultivarmos ideais que são projetados no futuro temos que nos imaginar habitando um mundo com tais ideais, e com tal projeção moldamos nosso presente. As artes, ao desafiarem todas as relações objeto a objeto, as relações das formas e seus significados, trazem uma nova dimensão, ao invés de representação, a re-apresentação, ao invés de mediação, ou contemplação, a interação, afastando-se da lógica generalista, por não alcançar a infinidade de possibilidades latentes. Uma mudança de uma compreensão do conhecimento representacionista (mimético) para um construcionista (poiético), de Descartes a Peirce, da mimesis à poiesis, para uma interpretação poiética dos nossos conhecimentos (Luciano Floridi).

A proposta de ética para Peirce aproxima-se do conceito ético de Agamben, inspirado em Foucault aproximando-se também Peirce e Foucault em relação a experiência estética enquanto poética, como presentidade, fugindo da mediação, da contemplação e da representação.



Para Peirce, a resposta estaria na poética, afirmando a experiência estética como relacionada à contemplação, quando todo aparato judicativo da mente se desmobiliza em função da desnecessidade de mediação. Quando o mundo não reage, não se opõe por não aparecer fenomenicamente como alteridade, a linguagem deixa de ser mediadora.

REFERÊNCIAS

- BEN-SHAHAR, Omri. *Data Pollution*, 2019: Volume 11, Journal of Legal Analysis.
- CANCLINI, Néstor García. *Ciudadanos reemplazados por algoritmos*, Universidad de Guadalajara; Centro Maria Sibylla Merian CALAS, 2019.
- DELEUZE, Gilles. *Foucault*, Editora Brasiliense, 1988, São Paulo.
- FERRAZ JR., Tércio Sampaio. *Teoria da Norma Jurídica*, Editora Atlas, 5ª. Edição, 2016.
- FLORIDI, Luciano. *The Logic of Information: A Theory of Philosophy Philosophy as Conceptual Design*, Oxford: OUP, 2019.
- FLORIDI, Luciano. **Problemas abertos na filosofia da informação**. *Metafilosofia*, v. 35, n, 4, pp. 554-582 et seq.
- FOUCAULT. M. Ditos e Escritos, Vol. VI. **Repensar a Política**, Editora Forense Universitária; 1ª edição, 2010.
- FOUCAULT. M. **Ditos e escritos**, vol. V. Ética, sexualidade, política, Rio de Janeiro: Forense universitária, 2004, p. 37-55.
- FOUCAULT. M. **Ditos e escritos** – Estética: literatura e pintura, música e cinema, vol. III, Forense Universitária, 4ª. Edição, 2015.
- GUERRA FILHO, Willis Santiago. **Filosofia: uma introdução**, Petrópolis: Editora Daimon, 2009.
- HAN, Byung-Chul. **O desaparecimento dos rituais: uma topologia do presente**, Petrópolis: Editora Vozes, 2021.
- HEIDEGGER, M. *The End of Philosophy and the Task of Thinking*, entrevista de 1966 para “Der Spiegel”.



HEIDEGGER, M. **Contribuições para a Filosofia** (do Evento), trans. Richard Rojcewicz e Daniela Vallega-Neu (Bloomington e Indianapolis: Indiana University Press 2012

HEIDEGGER, M. **A questão da técnica** (Die Frage nach der Technik), palestra proferida em 1953 no Auditorium Maximum da Escola Superior Técnica de Munique, parte do ciclo de conferências “As artes na época da técnica”, promovido pela Academia Bávara de Belas Artes, Coletânea Conferências e ensaios (Vorträge und Aufsätze), 2a. ed. Tübingen, Günther Neske Pfullingen, 1959.

HUI, Yuk. **Technodiversity**, Ubu Editora, 2020.

LEE, Kai-Fu. AI 2041. Ebbok, Apple, 2022.

NIETZSCHE, F. **O nascimento da Tragédia**, São Paulo: Editora Escala, 2013, coleção essência de Nietzsche.

SANTAELLA, Lucia. **Comunicação ubíqua**: repercussões na cultura e na educação, Editora Paulus, 2013.

SANTAELLA, Lucia. **Culturas e artes do pós-humano**: da Cultura das Mídias à Cibercultura, Paulus Editora; 1ª. Edição, 2003.

